

## CASO MARIELLE E ANDERSON



Abrindo as grades. O ex-chefe de Polícia Civil Rivaldo Barbosa é conduzido por um agente federal na Superintendência da PF no Rio: acusação vai além de obstrução da investigação do Caso Marielle

## UM DELEGADO NO OUTRO LADO DA LEI

### EX-CHEFE DA POLÍCIA PLANEJOU O CRIME

**N**omeado na véspera do crime como chefe de Polícia Civil pelo secretário de Segurança, general Richard Nunes, e pelo interventor federal na Segurança do Rio, general Braga Netto, o delegado Rivaldo Barbosa atuou não apenas para atrapalhar a elucidação do assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes, mas também ajudou no planejamento. A conclusão é da Polícia Federal, que afirma ainda que a investigação do caso pela Polícia Civil foi "tallada para ser natimorta". Rivaldo é o quarto chefe

de Polícia Civil do Rio a ser preso desde 2008. A participação de Rivaldo no crime começou ainda no planejamento, quando ele era titular da Delegacia de Homicídios, de acordo com relatório final da PF. Ao contratar o serviço do matador de aluguel Ronnie Lessa, a única imposição que teria sido feita pelos irmãos Brazão era que o assassinato não ocorresse na saída de Marielle da Câmara Municipal. A orientação teria sido do delegado, para evitar que fosse considerado um crime político — o que deixaria a investigação a cargo da Polícia Federal. Assim, Rivaldo manteve o caso em sua delegacia.

"Se o diretor da DH faz uma exigência dessa, na minha concepção ele já tem uma linha traçada para desviar o assunto", disse Lessa em sua declaração à PF. "Ele (Rivaldo) é a carta branca. É muito melhor o pré-pago, acerta antes do crime". Na noite de 14 de março de 2018, logo depois a execução no Estácio, região central do Rio, Rivaldo decidiu que quem comandaria as investigações seria o delegado Gintion Lages, alvo da operação de ontem. A PF afirma que, sob sua gestão, a equipe da Delegacia de Homicídios realizou ações para tentar obstruir a investigação.



Para os investigadores, a sabotagem começou logo após a morte de Marielle e Anderson "no momento mais sensível da apuração do crime, as horas de ouro", o que acabou levando à perda de provas importantes, como as imagens dos imóveis vizinhos ao local do crime. A polícia nunca conseguiu traçar, por exemplo, a rota de fuga dos assassinos — que saíram do Estácio e foram para a Barra da Tijuca, na Zona Oeste.

Em sua declaração premiada, Lessa conta que três semanas após o crime se encontrou com Domingos Brazão e Chiquinho Brazão, apontados como mandantes dos assassinos. Eles teriam tranquilizado os executores dizendo que Rivaldo estaria "virando o canhão para outro lado". Dias depois, em 27 de abril de 2018, surgiu uma testemunha acusando o vereador Marcelo Siciliano e o miliciano Orlando Oliveira de Araújo, o Orlando Curicica. Mas a PF provou ser uma denúncia falsa, o que já faria parte de uma blindagem do cliê Brazão.

A investigação do caso Marielle acabou jogando luz sobre outros possíveis crimes praticados na Delegacia de Homicídios, sobretudo um esquema para travar inquéritos rela-

nados ao jogo do bicho. Ao ser ouvido pela PF, o miliciano Orlando Curicica — que está preso numa unidade federal — disse que havia um esquema de pagamento de propina em delegacias. A DH, por exemplo, receberia de R\$ 60 mil a R\$ 80 mil mensais da contravenção, valor que poderia aumentar a depender da complexidade do caso.

"Como é que vai acusar a contravenção? Eles não tinham como. Não que a contravenção tenha mandado matar a Marielle, mas a contravenção criou um sistema que facilitou a morte de Marielle, que continua até hoje", disse Curicica ao delegado federal Leonardo Almada, hoje superintendente da PF no Rio.

O miliciano contou ainda que ele mesmo pagou propina à Delegacia de Homicídios para se livrar de um inquérito. Na época, Rivaldo era o chefe da unidade policial. Curicica diz que pagou R\$ 20 mil para sua esposa não ser investigada por porte ilegal de arma.

## CITADOS NEGAM

Os agentes federais descobriram também que a advogada e empresária Erika Andrade de Almeida Araújo, um dos alvos da operação de ontem, esposa de Rivaldo, seria testa de ferro do marido em "empresas de fachada" criadas pelo delegado para lavar o dinheiro adquirido de maneira ilícita ao longo dos anos em que esteve em cargos de comando. A análise bancária mostrou que, no período de janeiro de 2015 a dezembro de 2019, Erika movimentou mais de R\$ 7 milhões.

Em um comunicado, o governador Rio informou que a Corregedoria Unificada da Secretaria de Segurança vai apurar a conduta dos policiais com o rigor necessário. Gintion Lages disse que realizou todas as diligências para elucidar o caso Marielle e que cumpriu os protocolos de atuação de um delegado.

A defesa de Braga Netto afirmou que no período da intervenção federal a Polícia Civil era subordinada à Secretaria de Segurança, que foi arresponsável pela indicação. O GLOBO não conseguiu contato com Richard Nunes.

## INVESTIGAÇÕES ENGAVETADAS PELA DH

Hayilton Escafura, filho do bicheiro Piruinha

José Luiz de Barros Lopes, o Zé Personal

Marcos Vieira de Souza, o Falcon

Geraldo Antônio Pereira, o Pereira

**E**m 14 de junho de 2017, Hayilton Carlos Gomes Escafura, filho do bicheiro José Carlos Escafura, o Piruinha, foi assassinado a tiros dentro de um hotel na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio, ao lado da então namorada, a soldado da PM Franciene de Souza. A investigação do crime pela Delegacia de Homicídios, porém, nunca chegou a um resultado: "Em que pese toda a dinâmica delituosa ter corrido às claras, ou seja, durante o dia, num importante hotel situado em um dos bairros mais nobres da capital fluminense, a apuração não foi adiante", diz o relatório da PF.



**G**entro do bicheiro Waldomiro Paes Garcia, o Maninho, José Luiz de Barros Lopes, conhecido como Zé Personal, era casado com uma das filhas do contraventor, Shanna Harmonche Garcia. Zé Personal foi morto dentro de um terreiro de candomblé na Praça Seca, em 2011. Na época, ele comandava os negócios da família. O homicídio foi mais um caso em que, de acordo com as investigações da Polícia Federal, a apuração do crime pela DH foi sabotada. O relatório da PF cita uma decisão judicial, afirmando que o inquérito do crime foi "marcado por inefetividade".



**E**ntão presidente da Portela, Marcos Vieira de Souza, o Falcon, foi executado a tiros durante sua campanha para vereador, em 2016. Ele estava em seu comitê eleitoral, em Oswaldo Cruz, na Zona Norte do Rio, quando foi executado a tiros de fuzil. Em julho do ano passado, um PM foi preso por envolvimento na morte de Falcon. O relatório da Polícia Federal cita, como no caso de Zé Personal, a decisão de um magistrado relatando ter percebido "dificuldades anormais para o esclarecimento dos fatos" pela Delegacia de Homicídios.



**N**o mesmo ano em que Falcon foi executado, o sargento reformado da PM Geraldo Antônio Pereira, conhecido como Pereira, foi assassinado a tiros na sede de um clube no Recreio dos Bandeirantes, na Zona Oeste da cidade. Na ação, outras três pessoas foram baleadas. O relatório da PF cita o depoimento de Orlando Curicica, indicando que o delegado Rivaldo Barbosa "teria auferido R\$ 30 mil a título de vantagem indevida oferecida por Rogério de Andrade, contrito contraventor do Rio de Janeiro, para não investigar o homicídio de Pereira".



**Q**ue comecemos a descontaminar qualquer relação das milícias com a política e as instituições

Alexandre Padilha, ministro da Secretaria de Relações Institucionais

"Hoje é uma vitória da Justiça brasileira, e quero dizer que quem acredita na Justiça, quem persevera, aposta corretamente"

Jorge Messias, chefe da AGU

"Não que a contravenção tenha mandado matar a Marielle; a contravenção criou um sistema que facilitou a morte de Marielle"

Orlando Curicica, miliciano em depoimento à PF